

XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXV ENANCIB

GT 12 – Informação, Estudos Etnico-Raciais, Gênero e Diversidade

ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO EM IMAGENS GERADAS POR INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: UMA ANÁLISE PELAS LENTES TEÓRICAS DA INTERSECIONALIDADE E DECOLONIALIDADE

GENDER STEREOTYPES IN IMAGES GENERATED BY ARTIFICIAL INTELLIGENCE: AN ANALYSIS THROUGH THE THEORETICAL LENSES OF INTERSECTIONALITY AND DECOLONIALITY

Nathália Lima Romeiro – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Dayanne Prudencio – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Carlos Alberto Ferreira – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Modalidade: Resumo Expandido

Resumo: Este estudo investiga a reprodução e amplificação de estereótipos de gênero em imagens geradas por inteligências artificiais generativas, como ChatGPT e DALL-E 3, à luz dos estudos de gênero, interseccionalidade e decolonialidade. O objetivo é examinar como as imagens criadas por essas IAs são permeadas por estereótipos de gênero. Metodologicamente a pesquisa é de natureza básica e exploratória, utilizando a revisão bibliográfica como método e adotando uma abordagem qualitativa. Quanto aos procedimentos, foram empregados prompts em português, espanhol e inglês, focando em concepções de beleza e sucesso profissional. Os resultados preliminares revelam importantes implicações sobre a intersecção entre os estudos de gênero e as tecnologias de inteligência artificial generativa, evidenciando que a análise das imagens geradas nas plataformas ChatGPT e DALL-E 3 indica uma predominância de padrões de beleza e sucesso que reforçam estereótipos associados à cor de pele branca e ao corpo magro.

Palavras-chave: estereótipos de gênero; inteligência artificial generativa; interseccionalidade; decolonialidade.

Abstract: This study investigates the reproduction and amplification of gender stereotypes in images generated by generative artificial intelligences, such as ChatGPT and DALL-E 3, in light of gender studies, intersectionality, and decoloniality. The aim is to examine how the images created by these AIs are permeated by gender stereotypes. Methodologically, the research is of a basic and exploratory nature, utilizing a literature review as a method and adopting a qualitative approach. Regarding procedures, prompts in Portuguese, Spanish, and English were used, focusing on conceptions of beauty and professional success. The preliminary results reveal significant implications regarding the intersection between gender studies and generative artificial intelligence technologies, highlighting that the analysis of images generated on the ChatGPT and DALL-E 3 platforms indicates a predominance of beauty and success standards that reinforce stereotypes associated with white skin color and slim bodies.

Keywords: gender stereotypes; generative artificial intelligence; intersectionality; decoloniality.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, as Inteligências Artificiais (IAs) generativas têm sido amplamente adotadas para a criação de conteúdo visual, transformando a forma como interagimos com a arte e a representação. No entanto, essas tecnologias carregam os vieses dos dados em que foram treinadas, o que levanta questões críticas sobre sua imparcialidade e ética (Thakur *et al.*, 2024). Estudos demonstram que esses sistemas não apenas refletem, mas também amplificam desigualdades históricas de gênero, interseccionalizadas com questões étnico-raciais e de classe (Buolamwini; Gebru, 2018).

A maneira como as IAs geram imagens a partir de prompts como “mulher bonita” ou “successful person” revela uma reprodução de estereótipos que naturalizam padrões estéticos e de poder. Esses padrões muitas vezes favorecem representações de corpos brancos, magros e alinhados a ideais hegemônicos de beleza, enquanto marginalizam identidades diversas. Nesse ínterim, os estudos de gênero emergem como um campo interdisciplinar dedicado à análise crítica das construções sociais e culturais relacionadas às identidades de gênero, às dinâmicas de poder e à produção de desigualdades (Scott, 2012, 2019; Connell, 2016). Este domínio teórico, fortemente influenciado pelos feminismos e estudos sobre masculinidades, estudos *queer* e pela crítica à colonialidade, problematiza a naturalização da diferença sexual, questionando as estruturas normativas que moldam a experiência social através de binarismos e hierarquias assimétricas.

Sob tal ênfase, o conceito de gênero é assumido neste trabalho como uma construção histórica e performativa, intimamente ligado à linguagem, à cultura e à organização social. Nossa compreensão fundamenta-se, entre outros autores, no trabalho de Raewyn Connell (2016), que concebe gênero como uma questão de corporificação social, disputada continuamente nas relações sociais e institucionais. Nessa perspectiva, os estudos de gênero são desenvolvidos em diferentes espaços sociais, incluindo o digital, ultimamente fortemente impactado pelas chamadas IAs generativas.

A partir do exposto, este estudo tem como objetivo investigar de que maneira as imagens geradas por inteligência artificial são permeadas por estereótipos de gênero. A produção desse estudo se justifica pois entendemos que estereótipos de gênero, frequentemente concentrados na binaridade, perpetuam visões limitadas e dicotômicas sobre masculinidade e feminilidade. Essa divisão reforça papéis sociais rígidos e marginaliza

identidades que não se encaixam em padrões tradicionais. A masculinidade é frequentemente associada a características como força, assertividade e racionalidade, enquanto a feminilidade é ligada à delicadeza, submissão e emocionalidade. Essas performances de gênero não são apenas construções sociais, mas têm impactos profundos nas interações pessoais, no ambiente de trabalho e nas representações midiáticas.

Assim, ao contextualizar a proposta, a seguir apresentaremos a fundamentação teórica que sustenta este trabalho, evidenciando as intersecções entre gênero, tecnologia e os impactos sociais que emergem da utilização de Inteligências Artificiais Generativas na produção de imagens.

2 INTERSECCIONALIDADE E ÉTICA: DESAFIOS DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E RECONHECIMENTO FACIAL

Na visão de Taulli (2023, tradução nossa), IA generativa é uma classe de tecnologia de aprendizado de máquina que aprende a gerar novos dados a partir de dados de treinamento. Kutub Thakur, Helen G. Barker e Al-Sakib Khan Pathan (2024) explicam que a IA generativa usa modelos sofisticados de aprendizado profundo que identificam padrões e relacionamentos em grandes quantidades de dados e, com base nessas informações, retorna ao usuário um novo conteúdo. As imagens geradas por IAs generativas tornam-se objetos de análise à medida que se observa a reprodução e amplificação de preconceitos a partir de estereótipos naturalizados (Carrera, 2020; Pereira; Moura, 2024).

Há, portanto, uma preocupação crescente de que as ferramentas que utilizam sistemas computacionais, como as IAs generativas, reflitam não apenas os valores e vieses presentes nos dados que as alimentam, mas também as assimetrias sociais que permeiam esses dados. Esses dados são frequentemente coletados de indivíduos em contextos específicos, cujas opiniões e comportamentos podem divergir significativamente das lutas históricas e sociais por equidade de gênero. Essa discrepância é particularmente relevante quando consideramos que o gênero é uma construção social intrinsecamente interligada a fatores como raça, classe e colonialidade (Collins; Bilge, 2021).

A abordagem interseccional de Patricia Hill Collins é fundamental para compreender como essas intersecções operam e como mulheres negras e outras identidades múltiplas são frequentemente duplamente invisibilizadas. A interseccionalidade revela que as experiências de opressão não podem ser analisadas isoladamente; em vez disso, é necessário considerar

como diferentes formas de discriminação se sobrepõem e se interagem. Isso significa que, ao gerar conteúdo visual, as IAs não apenas refletem estereótipos de gênero, mas também perpetuam narrativas que marginalizam aqueles que não se encaixam em padrões hegemônicos de beleza e sucesso.

O marco teórico que sustenta esta pesquisa é constituído por estudos de gênero que adotam uma perspectiva interseccional e decolonial, alicerçado nas contribuições de autores, como Raewyn Connell (2016) a quem recorremos para conceituar gênero para além da heteronormatividade, Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2021) que contribuem na compreensão de que a interseccionalidade é a lente teórica que possibilita a análise por mais de um eixo de subordinação; María Lugones (2020), Rita Segato (2021) e Gení Núñez (2023) que ampliam nosso olhar sobre a relação entre gênero e a colonialidade e Judith Butler (2003, 2018, 2019, 2024) no que se refere a compreensão sobre o que é performance e performatividade. Com base nas autorias citadas, definimos performance como a maneira que um sujeito manifesta sua identidade para si e para o mundo e performatividade como as forças sociais que influenciam as performances que adotamos. Complementar a isso, inferimos que o estereótipo corresponde a performance esperada em relação a determinado sujeito, como por exemplo, a expectativa de que as mulheres se comportem de forma delicada e feminina, ou que pessoas homossexuais performem ser afeminadas (quando gays) e masculinizadas (quando lésbicas).

Além de explorar as nuances dos estudos de gênero, a pesquisa também investiga o conceito de inteligência artificial generativa, destacando suas aplicações e implicações éticas na geração de imagens. Neste sentido, os trabalhos de Ralf Kreutzer e Marie Sirrenberg (2020) e Tom Taulli (2023) são fundamentais, pois contextualizam as consequências sociais e éticas da utilização de IAs generativas. Isso permite uma reflexão crítica sobre como essas tecnologias podem reproduzir ou desafiar estereótipos de gênero e desigualdades sociais.

No escopo dos estudos do campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação, Stephen Monteiro (2023) apresenta uma abordagem discursiva e cultural sobre o uso de tecnologias de reconhecimento facial em aplicativos de redes sociais. O autor examina como filtros interativos, jogos de “qual personagem você é?”, e aplicativos de previsão de aparência utilizam escaneamento facial para produzir diagnósticos visuais relacionados à personalidade, etnia, beleza e futuro.

Já o estudo de Albiero *et al.* (2022) investigou empiricamente as disparidades de

gênero nos sistemas de reconhecimento facial. Os autores demonstram, por meio de análises técnicas e estatísticas, que as mulheres são sistematicamente menos reconhecidas pelos algoritmos em comparação aos homens. Essa diferença de desempenho é atribuída, entre outros fatores, ao uso de maquiagem, aos penteados que ocultam partes do rosto e à maior similaridade morfológica entre rostos femininos, o que resulta em uma taxa elevada de falsos positivos e falsos negativos.

O artigo de Juliana de Assis e Maria Aparecida Moura (2025) revela que as imagens produzidas por ferramentas de inteligência artificial generativa, como DALL-E, a partir de prompts textuais genéricos, como "um homem" ou "uma mulher", apresentam resultados preocupantes. Nesse estudo, mais de 90% das imagens geradas retratavam indivíduos brancos de classe média-alta, evidenciando uma quase total ausência de diversidade étnica e cultural nas representações.

Adicionalmente, o projeto Gender Shades, conduzido por Buolamwini e Gebru (2018), evidenciou disparidades alarmantes na classificação de gênero, com taxas de erro de até 34,7% para mulheres de pele não-branca, em contraste com apenas 0,8% para homens de pele branca. Esses vieses são atribuídos a bases de treinamento desbalanceadas e à falta de validação interseccional nos algoritmos, refletindo as desigualdades históricas e sociais que persistem na produção de imagens geradas por IA. Essa análise ressalta a necessidade urgente de aprimorar as práticas de desenvolvimento e validação de tecnologias de inteligência artificial, a fim de promover representações mais justas. A partir desta contextualização, há indícios na literatura de que as mediações desenvolvidas por ferramentas de IA trazem à baila debates éticos e informacionais acerca da reprodução de estereótipos de gênero.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Entendemos que os procedimentos metodológicos de uma pesquisa revelam como ela foi realizada proporcionando que a mesma possa ser reproduzida por outras pessoas pesquisadoras em diferentes contextos. Com isso, esse estudo trata-se de pesquisa básica, de natureza exploratória, que utiliza pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo, adotando, assim, uma abordagem qualitativa.

Para as intervenções e experimentações realizadas, foram utilizadas duas ferramentas de inteligência artificial generativa: *ChatGPT* e *Deepseek*. O *ChatGPT*, desenvolvido pela *OpenAI*, é um modelo de linguagem baseado em arquitetura de transformadores, projetado

para gerar texto coerente e contextualizado, o que o torna adequado para tarefas que envolvem diálogo, criação de conteúdo e análise textual. *DeepSeek* é uma plataforma inovadora, criada pelo chinês Liang Wenfeng que utiliza inteligência artificial para aprimorar a busca e a organização de informações em ambientes digitais. A utilização dessas IAs generativas no estudo enriquece a análise dos dados, proporcionando uma perspectiva inovadora sobre as interações entre tecnologia e a produção de conhecimento, revelando as possibilidades e limitações dessas ferramentas no contexto da pesquisa acadêmica. Enquanto procedimentos, foram adotados *prompts*, nos idiomas português, espanhol e inglês, acerca de concepções de beleza e sucesso profissional, a fim de observar se haveria nuances em relação ao idioma utilizado na realização das buscas, vejamos:

- **Prompt 1:** “Mulher bonita”, “*Beautiful Woman*”, “*Mujer hermosa*”.
- **Prompt 2:** “Homem bonito”, “*Beautiful Man*”, “*Hombre hermoso*”.
- **Prompt 3:** “Pessoa bonita”, “*Beautiful Person*”, “*Persona hermosa*”.
- **Prompt 4:** “Mulher bem-sucedida”, “*Successful Woman*”, “*Mujer exitosa*”.
- **Prompt 5:** “Homem bem-sucedido”, “*Successful Man*”, “*Hombre exitoso*”.
- **Prompt 6:** “Pessoa bem-sucedida”, “*Successful Person*”, “*Persona exitosa*”.

Os termos foram selecionados com o objetivo de identificar, como um comando, o enviesamento dos resultados no que se refere à flexão de gênero masculino, feminino ou neutro. Após a coleta dos dados realizada por meio dos *prompts* apresentados, foi realizada uma análise de conteúdo com vistas a interpretar os dados em conformidade com o referencial teórico utilizado no delineamento da pesquisa. As análises seguem os princípios utilizados no artigo “Semioses Algorítmicas e Viés Racial” (Assis; Moura, 2025), ao combinar análise semiótica com a crítica sobre o conteúdo imagético gerado. Destacamos que, para a realização deste estudo, foi criada uma conta nova em ambas as plataformas, a fim de que os resultados obtidos não fossem conectados a outras buscas realizadas por nós, em interação com essas ferramentas. Com isso, evita-se a influência do aprendizado de máquina e seu potencial de mascarar os resultados. Isso significa que os resultados obtidos retratam a interação sem nenhuma informação pregressa oferecida. A seguir, serão apresentados os resultados dessa investigação.

4 RESULTADOS PARCIAIS

Foi observado que tanto na plataforma *ChatGPT (Open IA)* quanto na *DALL-E 3 (Apple)*, a maioria das imagens geradas corresponde a padrões estéticos específicos que associam beleza e sucesso à características específicas, como pele branca, cabelos lisos, fisionomia com traços fenotípicos afilados e corpo magro. Assim, longe de serem neutras, as imagens produzidas por IA acabam por perpetuar estereótipos eurocentrados, invisibilizando a diversidade corporal, racial e estética presente nas sociedades contemporâneas. Pedro Cremones Rosa *et al.* (2024) inclusive apresentam que a geração destas imagens replicam vieses e estereótipos sociais presentes no paradigma dominante.

Quando se refere a estereótipo de beleza, temos a **Predominância de pele clara e traços europeus**: Em mais de 90% das imagens, ou seja, em uma em um universo de 18, independentemente do idioma do *prompt*, representações brancas e corpos magros são favorecidos. Já no **gênero masculino versus feminino**: “*Beautiful Man*” ocasionalmente inclui pessoas de etnias diversas, mas “*Beautiful Woman*” reforça padrões eurocêtricos mais rigidamente.

No que tange sucesso e poder, temos **Ambientes corporativos e objetos de status**: *Prompts* de “bem-sucedido(a)” retornam pessoas em escritórios luxuosos, vestindo ternos, associando sucesso a traje formal e poder econômico (Crawford; Paglen, 2019). Já em invisibilidade de Diversidades, **Gênero não-binário**: “*Persona hermosa*” e “*Successful Person*” raramente geram representações andróginas ou não-binárias, ocorreu em apenas uma das imagens geradas, além da **Interseções raciais e corporais**: Há quase total ausência de corpos periféricos, gordos, pessoas com deficiência e identidades trans, indicando limitação na amostra de treinamento.

Diante de tais fatores temos, as discussões críticas que estão baseadas em primeiro momento, no **Reforço de Hierarquias Coloniais**: Os resultados confirmam a perpetuação de padrões de beleza eurocêntrica, reproduzindo lógica colonial que valoriza corpos e rostos brancos (Lugones, 2020); depois, temos o **Impacto Informacional**: Usuários de IAs podem internalizar estereótipos como se fossem neutros ou “universais”, dificultando a construção de representações plurais em discursos midiáticos e educativos (Noble, 2018), e, por fim, **Responsabilidade dos Desenvolvedores**: É preciso transparência nos conjuntos de dados e metodologias de treinamento, bem como inclusão de auditorias interseccionais para mitigar

vieses (Gebru *et al.*, 2021).

As recomendações que ora temos estão baseadas em Curadoria Diversificada de Dados, sendo elas: a inclusão de imagens de sujeitos de diferentes pertencimentos étnico-raciais, corpos e identidades de gênero para treinar IAs a reconhecerem a diversidade social. Recomendamos ainda que sejam realizadas auditorias de vieses (*bias*) que devem implementar avaliações automáticas e humanas focadas em interseccionalidade (Buolamwini; Gebru, 2018). Ademais, não se pode esquecer da transparência e documentação desses registros, publicando “*datasheets*” para *datasets*, nos quais é detalhada a composição demográfica e critérios de inclusão (Gebru *et al.*, 2021), assim como deve-se incluir a participação comunitária, uma vez que envolve grupos historicamente subalternizados na seleção de imagens e testes de qualidade minimizar a projeção de estereótipos que representam a estrutura hegemônica de performance de gênero.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa em andamento revela implicações sobre a intersecção entre os estudos de gênero e as tecnologias de inteligência artificial generativa. A análise das imagens geradas nas plataformas *ChatGPT* e *DALL-E 3* indica uma predominância de padrões de beleza e sucesso que reforçam estereótipos de cor de pele branca e padrão magro. Deste modo, revela-se uma necessidade de estudos informacionais acerca de como as tecnologias digitais perpetuam preconceitos, desigualdades sociais e culturais. Além disso, descortina-se a importância de discussões sobre transparência nos processos de geração de conteúdo desenvolvidos pela IA generativa.

Portanto, é imprescindível que desenvolvedores e pesquisadores reconheçam essas dinâmicas ao criar e implementar tecnologias de IA. A conscientização sobre como os dados refletem desigualdades estruturais, pode facilitar a criação de algoritmos mais representativos. Além disso, essa reflexão deve ser acompanhada por um compromisso em promover uma representação mais justa e equitativa nas imagens geradas, desafiando as narrativas que historicamente relegaram certos grupos à invisibilidade. Assim, a interseccionalidade não apenas informa a análise crítica das IAs, mas também serve como um guia para práticas que visam transformar essas ferramentas em agentes de mudança social.

Este trabalho representa a fase inicial de uma investigação mais ampla a ser continuada pelo grupo de pesquisa InforNet, da Universidade Federal do Estado do Rio de

Janeiro (UNIRIO). Caminhos para futuras investigações incluem a exploração de como diferentes contextos culturais e sociais influenciam a geração de imagens por IA, bem como a análise de modelos de IA que incorporam uma abordagem mais inclusiva na produção de conteúdo visual. Além disso, recomenda-se o desenvolvimento de diretrizes éticas que orientem a criação e o uso de ferramentas de IA, garantindo uma representação mais equitativa das diversidades presentes na representação social. Assim, este estudo não apenas contribui para o entendimento das interseções entre gênero e tecnologia, mas também propõe um compromisso contínuo com a responsabilidade social na era digital.

REFERÊNCIAS

ALBIERO, Vítor; ZHANG, Kai; KING, Michael C.; BOWYER, Kevin W. Gendered differences in face recognition accuracy explained by hairstyles, makeup, and facial morphology. **IEEE Transactions on Information Forensics and Security**, [S. l.], v. 17, p. 127–140, 2022. DOI: 10.1109/TIFS.2021.3135750.

ASSIS, Juliana de; MOURA, Maria Aparecida. Semioses algorítmicas e viés racial: um estudo de imagens criadas pela IA generativa. **Encontros Bibli: Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 30, p. 1-24, 2025. DOI: 10.5007/1518-2924.2025.e103495.

BUOLAMWINI, Joy; GEBRU, Timnit. Gender Shades: Intersectional Accuracy Disparities in Commercial Gender Classification. **Proceedings of Machine Learning Research**, [S. l.], v. 81, p. 1–15, 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e as políticas das ruas: notas para uma teoria performativa de assembléia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**. São Paulo: N-1 Edições: Crocodilo, 2019.

BUTLER, Judith. **Quem tem medo do gênero?** Rio de Janeiro: Boitempo, 2024.

CARRERA, Fernanda. A raça e o gênero da estética e dos afetos: algoritmização do racismo e do sexismo em bancos contemporâneos de imagens digitais. **MATRIZES**, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 217-240, 2020.

COLLINS, Patricia Hills; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.

CONNELL, Raewyn. **Gênero em termos reais**. São Paulo: nVersos, 2016.

KREUTZER, Ralf T.; SIRRENBURG, Marie. **Understanding artificial intelligence: Fundamentals, use cases and methods for a corporate AI journey**. Cham: Springer International Publishing,

2020.

MONTEIRO, Stephen. Gaming faces: Diagnostic scanning in social media and the legacy of racist face analysis. **Information, Communication & Society**, [S. l.], v. 26, n. 8, p. 1601–1617, 2023. DOI: 10.1080/1369118X.2021.2020867.

NÚÑEZ, Geni. **Descolonizando afetos**: Experimentações sobre outras formas de amar. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. *In*: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 53–83.

PEREIRA, Ives da Silva Duque; MOURA, Sérgio Arruda de. Zoológicos humanos digitais: continuidades nas relações de poder no uso ilegal de inteligência artificial generativa (IA Gen) para criação de imagens íntimas falsificadas (deepnudes) por estudantes. *SciELO Preprints*, 2024.

SCOTT, Joan W. Os usos e abusos do gênero. **Projeto História**, [S. l.], v. 3, n. 45, p. 327–351, 2012.

SCOTT, Joan W. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. *In*: HOLLANDA, H. B. (org.). **Pensamento feminista**: Conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

SEGATO, Rita. **Crítica da colonialidade em oito ensaios e uma antropologia por demanda**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

TAULLI, Tom. **Generative AI**: How ChatGPT and other AI tools will revolutionize business. Berkeley, CA: Apress, 2023.

THAKUR, Katub; BARKER, Helen G.; PATHAN, Al-Sakib Khan. **Artificial intelligence and large language models**: An introduction to the technological future. [S. l.]: CRC Press, 2024.